

A Máquina do Mundo

com Maria Filomena Molder

Jorge Molder. Fotografia da série História Trágico-Mantífrica, 1992



Agradecimentos:

Eduardo Jorge, Francisco dos Santos

31 de janeiro

“ao bravo gama a máquina oferta/
do mundo”*

7 de fevereiro

“drummond minas pesando não cedeu”*

14 de fevereiro

“dante com trinta e cinco eu com
setenta—”*

21 de fevereiro

“Agora, nós”

* Versos de *A Máquina do Mundo Repensada* de Haroldo de Campos, 2000.

Foi Camões a inventar em *Os Lusíadas* a expressão “máquina do mundo”. Ela apresenta-se através do relato profético – *cosmorama* e *geodese*, feitos e desastres dos portugueses, o desconhecido que espera os descobridores – de uma deusa ao jovem capitão Vasco da Gama. Quatro séculos mais tarde, Carlos Drummond de Andrade escreveu um poema em tercinas intitulado

precisamente *A Máquina do Mundo*. Aqui, não há mediações, a máquina entreabre-se numa *estrada de minas, pedregosa*, ao olhar desalentado do poeta, que a vê fechar-se para não mais. Já no século XXI, Haroldo de Campos compõe também em tercinas, mas rimadas à maneira de Dante, o poema *A Máquina do Mundo Repensada*, no qual se exercita uma rememoração de Camões, Drummond de Andrade, sob a égide da viagem da *Divina Comédia*. Regressamos à mediação e ao maravilhamento saturnino. A leitura dos versos dos quatro poetas tem em vista desenhar um inquérito sobre o que seja a máquina do mundo: talvez um nome para o segredo da vida.

Pediremos ajuda a outros poetas e também àquilo que alguns filósofos contam (seguindo o preceito de Montaigne: “je n’enseigne pas, je raconte”), e ainda às coisas ouvidas, vistas e lembradas que vêm ter connosco no dia a dia, confiando no acaso sem o qual (de novo Montaigne) nada de nobre se pode fazer. O momento é de perigo – caminhamos na *selva oscura* de Dante – e talvez seja a hora de um balanço.

“dante com trinta e cinco eu com setenta—”*

Aqui, convém lembrar que os títulos destas conferências, com exceção da última, provêm da obra que Haroldo de Campos publicou em 2000, *A máquina do mundo repensada*. Tal significa que ele estabeleceu uma tradição poética em língua portuguesa, ironicamente firmada por Drummond de Andrade – ele que resistia a aceitar o entreabrir-se e o abrir-se da máquina do mundo numa estrada pedregosa de Minas –, sendo Camões o poeta primeiro. É destes acasos, desejos e rememorações que as tradições se forjam e alimentam.

Mas já em Drummond um outro poeta se acrescenta, que, não tendo utilizado a

expressão “máquina do mundo”, a mostra em todo o seu esplendor como um antropólogo em trabalho de campo sideral. Seria mais verdadeiro dizer que Dante, guiado por Beatriz, vê esse esplendor enquanto o atravessa.

O que é *A máquina do mundo repensada*? Uma longa – deixemos o superlativo absoluto simples para Dante – corrente estrófica equivalente à da *Divina Comédia* (tercetos de rima alternada, os de Drummond prescindem da rima). Chegado aos seus setenta anos, o poeta não está no meio do caminho como Dante, mas no seu termo, atribulado talvez pelas mesmas angústias.

Quisera, quisera, quisera, quisera, cinco vezes se ouve na Parte I este desejo em mais-que-perfeito, aquele que reúne Dante, Camões e Drummond, todos eles pertencentes ao ciclo ptolomaico. Segue-se o desterro da terra, convertida em pedra que rola à volta de um inóspito caldeirão ígneo, e com o desterro, a gravidade, a entropia, o encurvamento do espaço, o *big-bang*: gesta científica que ainda nos governa. Na Parte III Haroldo, como uma criança, transforma essas novidades certas em símbolos. Regressam os três poetas e o sombrio olhar saturnino, acompanhados pela Cabala judaica, a alquimia, os anjos que desfalecem em louvor, o coração humano parente do ante e *post grande-estrondo*, abdicando de perscrutar o futuro.

Maria Filomena Molder escreve de acordo com a antiga ortografia.

CONFERÊNCIAS TERÇAS-FEIRAS DE 31 JANEIRO A 21 FEVEREIRO 2017 · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO